

Criações

Dramaturgias originais



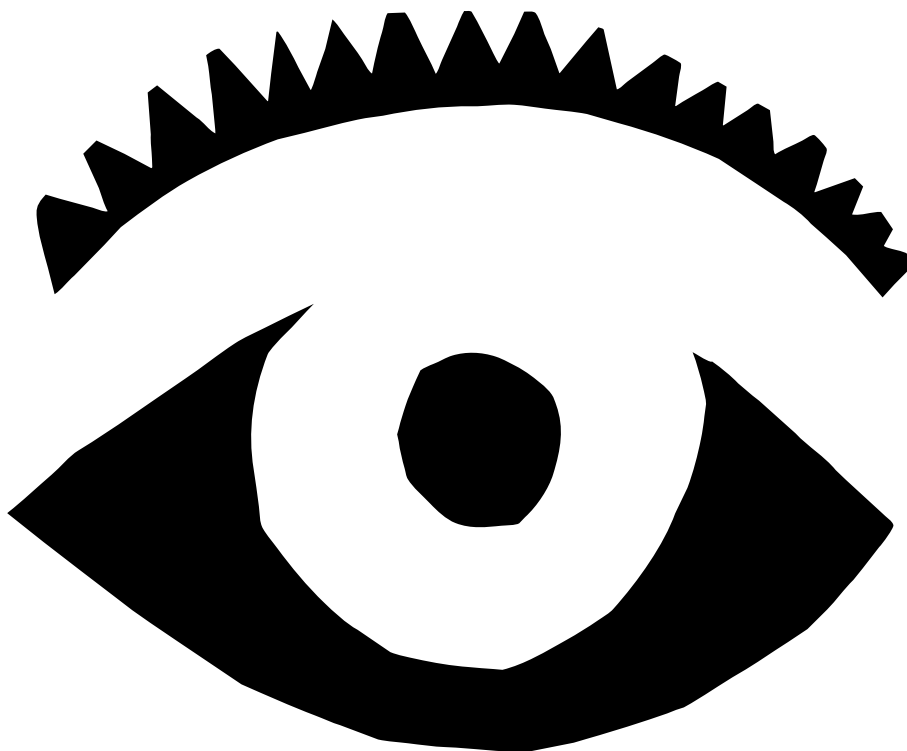
Teatrão

A Meu Ver
Apontamentos para
olhar o futuro

Um projeto Teatrão
e ACAPO Coimbra
2021-2024

Financiado pelo
Programa Partis
& Art for Change

Criações Dramaturgias originais



Teatrão

A Meu Ver
Apontamentos para
olhar o futuro

Um projeto Teatrão
e ACAPO Coimbra
2021-2024

Financiado pelo
Programa Partis
& Art for Change

Coordenação geral

Ana Eduarda Ribeiro (ACAPO)
Isabel Craveiro (Teatrão)
João Santos (Teatrão)

Coordenação científica

Cláudia Pato de Carvalho (CES-UC)
Fernando Fontes (CES-UC)

Acompanhamento científico

Susete Margarido (FEUC)

Professores

Mariana Nunes
Mónica Tavares
Telmo Ferreira

Participantes no projeto

António Pereira, Armando Sousa,
Carla Rodrigues, Carlos Pimentel,
Cati Ramos, Clara Pinto, Eliana Ramos,
Eunice Santos, Graça Alves, Graça Cruz,
Guida Álvaro, Isabel Marques, Isabel Pimentel,
Maria Manuela Durão, Mário André Cardoso,
Marta Carriço, Sandra Cavaleiro

Produção executiva

Cátia Oliveira
Eva Tiago

Comunicação do projeto

Luís Marujo
Margarida Sousa

Coordenação da edição

Isabel Craveiro

Edição e revisão

Luís Marujo

Design gráfico

Studio And Paul

Impressão

Gráfica Maiadouro S.A.

Edições Teatrão

1ª edição, junho 2024

ISBN

978-989-33-6359-1

Depósito legal

534509/24

O teatrão é uma estrutura apoiada e financiada por:



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

dgARTES
DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES



rede de
teatros com
programação
acessível



CÂMARA MUNICIPAL
COIMBRA

A Meu Ver é um projeto financiado e apoiado por:



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN



Parceiros:



ACAPO
ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES
E AMBULADORES PORTUGUESES



ces
Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

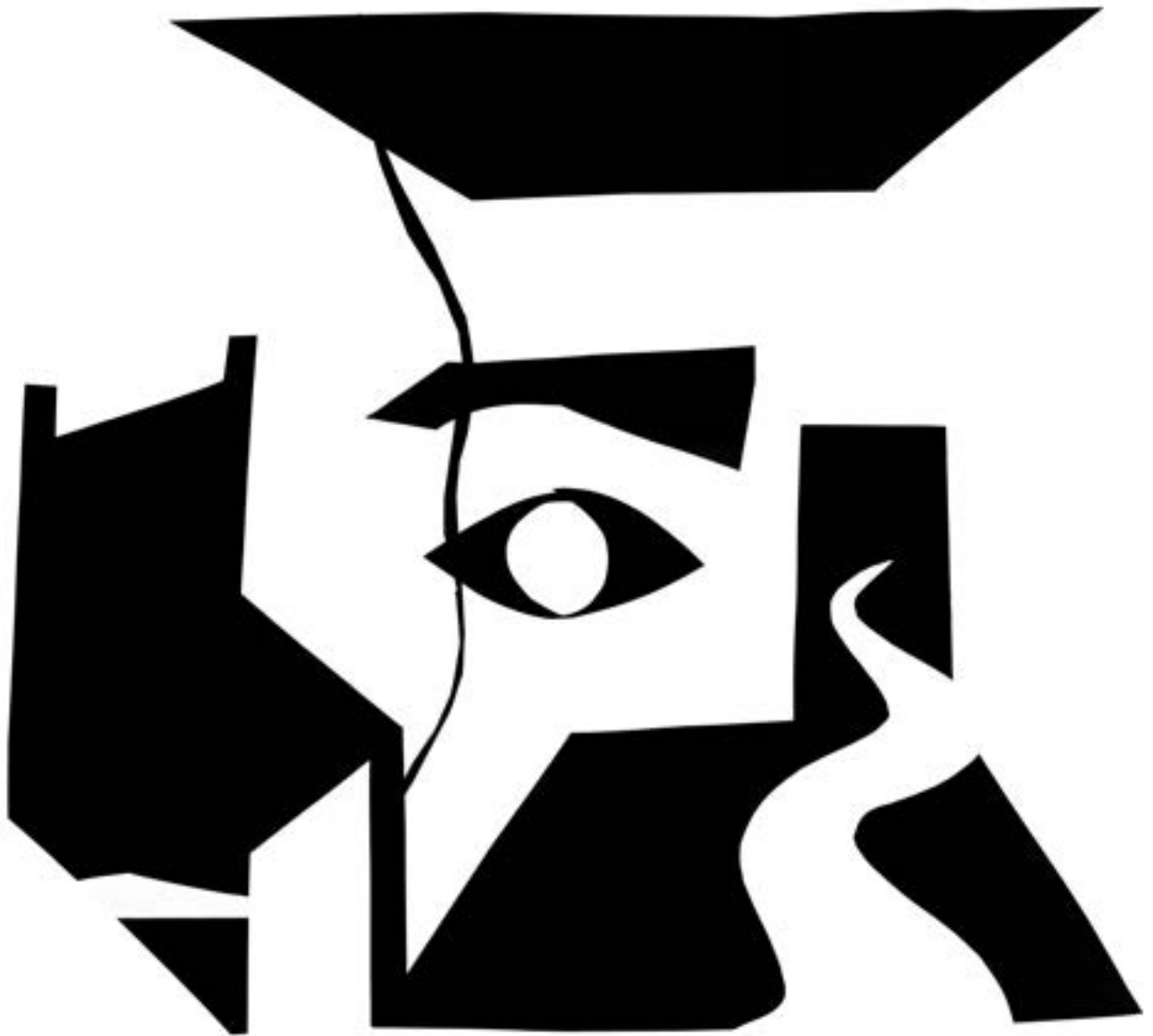
Criações

Dramaturgias originais

O Que é Invisível	7
CONDOMÍNIO (ponto) PT	39



O Que é Invisível



Ficha artística e técnica

Título O Que é Invisível

Texto do coletivo

Direção Mariana Nunes e Telmo Ferreira

Interpretação António Pereira, Armando Sousa, Carla Rodrigues, Carlos Pimentel, Cati Ramos, Eunice Santos, Guida Álvaro, João Cerveira, Maria de Lurdes Acúrcio, Maria Manuela Durão, Mário André Cardoso

Desenho de luz Jonathan de Azevedo

Banda sonora Nuno Pompeu

Figurinos Filipa Malva

Apoio vocal Cristina Faria

Grafismo Studio And Paul

Fotografia Carlos Gomes

Costureira Lúdia Ribeiro

Comunicação Margarida Sousa

Direção de produção Cátia Oliveira

Produção executiva Mariana Pereira

Direção de cena João Bernardo Gomes, Mariana Pereira e Sofia Coelho

Apoio logístico Filipe Gomes

Acompanhamento de público Ana Ribeiro, Dora Afonso, Gabriela Pinto, Gabriela Martins, Inês Amaro, Laura Costa e Raquel Pereira

Audiodescrição Diogo Gonçalves, Roberto Terra – Dançando com a Diferença

Coordenação geral A Meu Ver Isabel Craveiro

Gestão de projeto João Santos

Coordenação e acompanhamento social Ana Eduarda Ribeiro (ACAPO)

Coordenação científica Fernando Fontes e Cláudia Pato de Carvalho (CES)

Acompanhamento científico Susete Margarido (FEUC)

Parcerias do projeto: ACAPO, CES – UC, Município de Coimbra, ESEC

Classificação etária M/6

Duração 60 minutos

Produção Teatrão 2022

Agradecimentos Florista Tina, Flor do Atrium, Fernando Santos, Maria Clementina Gonçalves (D. Tina)

Cena 1 – Bilheteira

*A seguinte cena será uma gravação vídeo e áudio da Manuela.
A projeção deverá estar na parede contrária ao balcão onde,
no centro, alinhado com a projeção da atriz, está um molde
de gesso da cara da mesma.*

*A cena dever-se-á iniciar com o fechar das portas da bilheteria
com o público dentro.*

A gravação contém o aviso de sala.

Manuela (voz off): Olá, sejam bem-vindos a...qui.

Desculpem, tenho sempre alguma dificuldade em dizer
onde estou.

É porque: depende.

Depende de onde venho...

Confusos? Vou-vos explicar...

Saio do autocarro estou virada para a paragem e o chão
da paragem é polido.

Agora, virando para a direita, temos o lancil do passeio
e a estrada. Aqui o chão já é um paralelo. Vêm aí dois carros,
mas não há que dar importância. Encontrei aqui um pilarete,
continuo em frente o chão continu... outro pilarete, mais um
carro a passar, outro pilarete, continuo sempre na mesma
direção até encontrar outro pilarete que é o quarto.

Entretanto mais um pilarete, um carro quase silencioso,
dá-me impressão que é daqueles híbridos. Seis pilaretes, e
o chão continua de calçada, mas já se nota um pequeno declive.

Sete pilaretes. Novamente um pilarete, mantendo-se o piso
igual, mas estou a descer cada vez mais, mais um pilarete.

Agora estamos a caminhar para o último que é, se não me
falha a memória, o décimo pilarete, rebaixamento do chão.

Temos um piso podotátil. Vem lá algum carro? Vem, mas
longe, vou passar. Viro para a direita e atravesso a passadeira.

Novamente o piso podotátil, uma subida, e do lado direito
um jardim muito grande com muito relvado e três oliveiras
e, agora já me distraí, fui para cima do relvado. Agora volto
ao caminho e encontro um muro pequeno à minha direita.

Vou até ao fim e sigo pelo chão duro e quadriculado até uma
porta à minha frente. Estou na Oficina Municipal do Teatro.

Se vocês se reconheceram em alguma parte do caminho, ainda
que que só na final, então estão na Oficina Municipal do Teatro.

Mas há pelo menos mais dois caminhos, um bem perto daqui,
na parte nascente do edifício e outro na parte poente. Ambos
são uma evidência visual da transgressão sobre os pequenos
relvados triangulares que existem nas pontas do edifício,
mas dão a lugares diferentes.

O caminho do relvado nascente, este já aqui à entrada da bilheteira e dos escritórios, é um caminho que expulsou toda a relva por onde passou. O chão de tão pisado parece cimento, tem as pontas em forma de funil e no meio afunda, parecendo ter sido escavado. Escavado por passos chateados para o trabalho, passos atrasados e passos económicos que, ou vão comprar bilhetes ou vêm na transgressão de caminhar por cima do relvado a verdadeira poupança de tempo. É um caminho objetivo, lógico e económico. Se por aqui vieram, provavelmente estão no vosso local de trabalho ou no espetáculo que quase iam perdendo.

O caminho do relvado poente, é um caminho que não se vê à primeira vista. Está lá no fundo e dá entrada para a tabacaria e é a entrada mais comum para a sala de espetáculos. Todo o relvado é uniforme, só tem apenas um serpenteado que gentilmente pede à relva para que se encolha e deixe passar. É muito estreitinho e às vezes até desaparece. De facto, é uma transgressão, mas não para poupar tempo. É um consciente e feita apenas pelo ato de transgredir. Ao caminhar por ele sente-se que demoramos muito mais tempo que ir à volta. É um caminho pouco fustigado, é um caminho beijado pelos passos de quem por ele saltita ou por vezes repete para si palavras de poetas. Se vieram por aqui, não estão em nenhuma oficina, auditório, ou espaço cultural multiusos, estão simplesmente no Teatrão.

Mas vá, já me alonguei demasiado e nem sequer disse quem sou.

Neste momento estou nos camarins preparar-me para entrar no espetáculo que será a visita guiada. Esta voz que agora ouvem vai entrar na cena da Tabacaria e vou fazer de uma das mulheres no manifesto da natureza (*riso*). Estou nervosa, sim. Tenho que admitir, mas contente por vos mostrar este espaço. Sou a Manuela. Podem ver a minha cara aqui. Sim, na parede, a minha cara está esculpida na parede, podem ver-me.

Sou alta, magra, de cabelo preto, comprido e liso. Tenho olhos verdes muito escuros e profundos. Tenho a pele muito morena. Tenho os lábios grossos e bem desenhados. No fundo, tenho um ar de femme fatale. Claro, se vieram pelos dois primeiros caminhos são capazes de me ver de forma diferente. Se assim foi, não me vão ver verdadeiramente, não vão estar no mesmo sítio que eu, vão ver uma tosca representação do que sou. Hoje decidi entrar pelo lado poente, pelo caminho da poesia.

Entre a bilheteira e a Tabacaria

Todas as narrações de ligação (cenas cujo título comece por 'entre') serão gravadas e colocadas a reproduzir enquanto se realiza o percurso entre cenas nos diferentes espaços da OMT. Sugere-se que a gravação seja reproduzida através de uma coluna de som portátil servida numa bandeja por um "cicerone" que liderará o caminho.

Manuela (voz off)

Abrem-se as portas.

As portas abrem, mas ninguém da frente de casa segue em frente.

E mesmo os passos mais pragmáticos detêm-se por momentos na hora de entrar.

Enquanto caminha para a entrada

Porquê? Não seria mais económico caminhar diretamente para a próxima cena?

Enquanto atravessa a porta

Mas, e os caminhos! (risos)

Atravessando a porta

Agora todos sentimos que transgredimos ao caminhar pelo chão da Sala Grande ao vê-lo como um relvado novo e sem marcas. Mesmo os passos mais apressados.

Importa dizer que estamos numa sala negra enorme, com uma bancada plantada no meio, com o teto repleto de cabos e projetores pendurados, se os nossos passos cautelosos seguem como se trilhássemos um caminho por um jardim imaculado?

Acham que estou a sonhar?

A Vera amanhã, ao replantar de negro nítido o chão da sala, dirá que até as solas dos mais incrédulos, imprimiram pegadas exploradoras rumo à Tabacaria.

Os sonhos são produções de terra batida trilhados pelo desejo. Entrem. Toda esta metafísica deixou-me com sede.

Cena 2 Tabacaria

Eunice jornalista

João empregado de mesa

Guida, Cati, Carla e Manuela quatro mulheres

Eunice está sentada numa mesa.

Eunice: Uma jornalista (*faz a sua descrição física e do seu figurino*) está sentada á mesa. Datilografa um artigo numa máquina de escrever modelo X do ano Y. Está um dia de sol. Tem um prazo para cumprir, está atrasada.

Escreve o texto na máquina de escrever. Este texto é gravado como se ouvíssemos o seu pensamento. Luz geral.

Eunice (voz off): A Tabacaria é uma estrutura retangular que se expande mais para nossa esquerda com várias valências. Quando estamos junto à porta da entrada, voltados de costas para a rua, temos à nossa direita a zona de segurança com os extintores, o alarme e o desinfetante. Se em seguida percorrermos as paredes da esquerda e da frente, vemos que elas se encontram cheias de cartazes de espetáculos exibidos nas salas da Oficina Municipal do Teatro. De frente para a porta de entrada, ao fundo, existe um armário baixo com uma aparelhagem de som. Se seguirmos essa parede, encontramos do lado direito o bar. Este é sem dúvida um ponto de encontro obrigatório na Tabacaria. No seu interior está uma máquina de tirar finos, uma máquina de café e utensílios diversos. Se seguirmos em frente, encontramos do lado esquerdo um palco. Se estivermos em frente ao palco, encontraremos do lado esquerdo o corredor de acesso às casas de banho. Este tem uma interessante particularidade. É enfeitado com uma espécie de mangueira de luz. A primeira casa de banho que encontramos é a dos homens. Possui dois cubículos e três urinóis. Seguidamente temos uma casa de banho adaptada a cadeiras de rodas e ao fundo temos a casa de banho das senhoras com quatro cubículos. O corredor que nos levará de novo para a rua. Por último, vemos que a sala é composta por mesas redondas, com estrutura em ferro e tampo em madeira. Estas mesas estão ladeadas de cadeiras que são diferentes umas das outras. O espaço da tabacaria na Oficina Municipal do Teatro é um espaço... é um espaço...

Não consegue concluir a frase. Termina a gravação.

Eunice: É um espaço...

*Eunice mostra-se impaciente. Chama o empregado de mesa.
O empregado, aproxima-se.*

Empregado: O que deseja tomar?

Eunice: Uma dose bem servida de realidade, preciso de terminar este texto.

Empregado: Lamento, vendi a última dose ao sr. Esteves.

Neste momento só tenho para lhe servir metafísica.

Eunice: Não posso tomar nada disso, eu preciso de realidade, o meu editor pediu este texto para ontem.

Empregado: Lamento, só tenho metafísica. Mas porque é que não experimenta? Todos os grandes artistas, autores de renome, até os prémios Nobel, são ávidos consumidores de metafísica. *(em segredo)* Os atores desta companhia de teatro não passam sem a tomar. O resultado está á vista.

Eunice: Bom, se é assim, vejo-me forçada a provar, mal não deve fazer.

*O empregado de mesa afasta-se. Eunice continua impaciente.
Tenta completar a frase que escrevia anteriormente.
A atmosfera começa a transformar-se, a luz muda, ouve-se o arranjo da música “O Superman” de Laurie Anderson com volume baixo.*

Eunice: Então essa metafísica?

Máquina de fumo, aroma a flores. Voz do empregado gravada como se fosse um eco.

Empregado *(gravação, voz off):* Está no ar... paira por toda a parte, inspire-se, expire e relaxe...

*Eunice recosta-se na cadeira inspira e relaxa.
Ouve-se uma música agora com mais volume. Vozes femininas fazem vocalizes a partir da música. As quatro mulheres surgem no palco com microfones e voz modificada.*

Mulher 1: Somos as mensageiras da natureza.

Mulher 2: Mulheres em carne e flor.

Mulher 3: Anunciamos o germinar de uma nova era.

Mulher 4: Um novo mundo em flores! Nada além de flores!

Mulher 1: Havia buracos e obras. Agora há tapetes de relva e flores perfumadas.

Mulher 2: Havia semáforos insonorizados. Agora há cerejeira floridas, com ninhos de pássaros cantores.

Mulher 3: Os andaimes das novas construções darão lugar a buganvílias trepadeiras.

Mulher 4: Onde havia prédios com varandas baixas, existe agora um campo de margaridas.

Mulher 1: Os carros estacionados no passeio, transformar-se-ão em nuvens a flutuar até aos céus.

Mulher 2: Na rua onde estava o cocó do seu cão, está agora um lago com nenúfares.

Mulher 3: O mobiliário urbano mal localizado, foi substituído por canteiros com morangos e taças de chantilly (ou fontes de chocolate).

Mulher 4: As trotinetes deixadas em qualquer lado, são agora garças reais a sobrevoar a planície.

Mulher 1: A explosão de esplanadas, deu lugar a uma explosão de pétalas.

Mulher 2: O fim da ditadura da má sinalização.

Mulher 3: Um mundo em primavera, um vale de flores!

Mulher 1: Derrame-me a Natureza sobre a cabeça ardente. O seu sol, a sua chuva, o vento que me acha o cabelo.

Mulher 2: E o resto que venha se vier

Mulher 3: ou tiver que vir

Mulher 4: ou não venha.

Regressa a música, cantam.

Mulher 4: Reiniciar o planeta...

Mulher 3: em Três.

Mulher 2: Dois.

Mulher 1: Um.

Regressa a música. O empregado entra. A música sai e as mulheres desaparecem. Empregado tenta acordar Eunice, esta acorda após algumas tentativas.

Eunice (*regressando a si assustada*): Onde estou?

Empregado: Está na Tabacaria da Oficina Municipal do Teatro.

A senhora desculpe, mas eu preciso fechar.

Eunice: Ah, sim, vou só escrever a última frase. (*Eunice escreve*). No Vale das Flores, existe um lugar onde ainda nos é permitido sonhar.

A luz baixa.

Empregado (*para o público*): Os senhores desculpem, mas eu preciso mesmo de fechar.

Ouve-se música a vir da Sala Verde.

Empregado (*continua a falar para o público*): Conseguem ouvir?

A saída é por ali, sigam a música.

Entre a Tabacaria e a Sala Verde

Manuela (*voz off*): Venham por aqui.

Trilhemos outro caminho, ou como diriam os arquitetos paisagistas, uma nova linha de desejo.

Porquê desejo?

Estas linhas não se criam propositadamente. Surgem subitamente e quando nos apercebemos já estamos a caminhar sobre elas.

Hmmm... Que mais na nossa vida acontece desta forma?

Nunca ninguém sabe responder quando ou quem deu o primeiro passo na criação de um caminho. E essa é a beleza dos caminhos.

Mas eu cá sei um segredo: o primeiro passo é sempre o desejo que dá por nós.

Cena 3 – Sala Verde

Milú

Armando

Músicas:

Conjunto de Guitarras de Jorge Fontes – *Vou dar de beber à dor*

Toni de Matos – *Cartas de amor*

As portas da sala verde abrem

Milú (*para o público*): Olá meus queridos, vocês são todos tão lindos...e lindas, mas desculpem-me é dos lindos que eu gosto mais. Eu sou a Maria de Lurdes para os papéis e a Milú para todos.

Faz a descrição do seu aspeto físico e do seu figurino.

Milú: Esta é a Sala Verde, tem sofás, um piano, dois louceiros, uma mesa, um candeeiro, cadeiras, duas portas uma que dá para um camarim com dois lavatórios, uma casa de banho e um duche e outra que dá para o bar.

Esta sala é verde, mas disseram-me que é cinzenta, eu gostava que fosse azul como o céu, branca como a paz e os vestidos das noivas, vermelha como a paixão, amarela como o sol.

Mas é verde, a cor da esperança, não percebo porque é que dizem isso, porque é que a esperança tem que ter cor. Isto é como uma sala de espera, só que aqui espera-se para entrar em cena, aqui os atores esperam a sua vez... Talvez seja por isso que o verde é esperança, esperança que a espera termine e que seja finalmente a nossa vez.

A luz muda transmitindo a atmosfera da sala de uma casa, com entrada de luz pela janela do louceiro. Ouve-se sons que remetem para um espaço interior que confina com a rua. Ao mesmo tempo toca a música “Vou dar de beber à dor” no rádio que está junto ao sofá. Milú dirige-se ao sofá, senta-se, procura o lugar ideal, encontra-o. A música e os sons continuam de fundo em volume mais baixo.

Milú: É aqui. É neste sitio do sofá, neste lugar que já faz cova, que esperamos todos.

O sol entra por aquela janela, digo adeus à minha vizinha, vejo o que se passa, vejo passar. Este é o lugar ideal para esperar que aconteça... eu espero... o amor! (*Suspira*)

A música volta a tocar no rádio. Entra a voz do locutor de um programa de discos pedidos. Ouve-se a voz do locutor.

Locutor: Vamos a mais uma participação no nosso programa de discos pedidos.

Boa tarde, tenho o prazer de estar a falar com?

Armando: Boa tarde, eu sou o Armando (*Armando faz a sua descrição física*). Quero dedicar esta música à Milú, a menina da janela e oferecer-lhe o meu coração.

A música “Cartas de amor” toca, Milú festeja apaixonada. Sai a música, ouve-se bater à porta do camarim.

Milú: Quem é?

Armando abre a porta.

Armando: Sou o Armando.

Milú: Tu aqui?

Armando: Sim. Vim dar-te o coração que prometi.

Milú: E como sabes que o quero?

Armando: Não queres?

Milú: Ainda não decidi. Sentas-te aqui ao meu lado?

Armando senta-se

Armando: Já me sentei.

Armando: Posso tocar na tua mão?

Milú: Podes. Mas só isso, que sou donzela.

As mãos tocam-se. Suspiram.

Milú: Posso sentir a tua cara?

Armando: Podes (*levantam-se do sofá*) mas não te assustes!
Posso sentir a tua?

Milú (*envergonhada*): Acho que sim...

Entra novamente a música “Cartas de amor”, os dois dançam abraçados. Dão uma volta completa e param. Desce o volume da música.

Milú: Levas-me a passear?

Armando: Levo. Casas comigo?

Milú: Calma, primeiro vamos passear.

Armando: E um beijo, posso-te dar?

Milú: Sim.

O volume da música sobe. Armando beija Milú, dirigem-se à porta do camarim de mãos dadas. Milú volta-se para o público, o volume da música baixa novamente.

Milú: O lugar está vazio, se quiser sente-se aqui. Espere, não perca a esperança, nunca se sabe o que está do outro lado da porta.

Saem para a zona dos camarins. Música.

Entre a Sala Verde e a Oficina

Manuela (*voz off*):

Agora que descobrimos o mais prazeroso dos caminhos porque não percorrê-lo de novo, e de novo, e... de novo. Até que os nossos passos já não vejam mais por onde pisam. Até que o chão se torne quase cimento, até que o caminho afunde e afunile no meio, impedindo os nossos pés, agora chateados e cansados, de mudarem de direção. Até que, de um dia para o outro, o caminho seja ladrilhado por pedra calcária e nunca mais nos atrevamos a ter o prazer de transgredir por um jardim inexplorado.

Pudéssemos ao menos ter sempre a leveza passar por um caminho sem nunca o pisar demasiado. Pudéssemos vê-lo sempre como uma leve e sorridente transgressão.

Como esta sala. Pudéssemos cultivar a arte de ver a sua enormidade sempre como a primeira vez.

Pudéssemos voar.

Mário André passa de carrinho, quase atropelando o Cicerone.

Cena 4 – Carpintaria - A Passarola

Mário André
Carlos

Com o público na Sala Verde, após o fim da cena de Milú e Armando, as luzes baixam, nota-se o vermelho da luz por cima das portas traseiras, há um som crescente similar ao de um avião a descolar que culmina com um “plim” sonoro que muda a luz da sala para verde. Mário André após um breve silêncio surge por trás do público (na Sala Grande) dentro de um carrinho de compras cheio de ferramentas e diz:

Mário: Então pessoal, como é que é?
Estão à espera de quê? Bora partir com tudo!

Mário encaminha o público para dentro da oficina enquanto a cena decorre.

Carlos (de dentro da oficina): Vais partir com o quê, Mário André?

Mário: Vocês vão se passar!

Carlos: Oh Mário André não comeces com isso. Diz lá o que vamos fazer.

Mário: Imaginem que a gente criou uma cena que faz o pessoal voar.
Ya já sei o que o pessoal má onda está a pensar...
Ya, Mário André, bué sensacional a cena que estás a fazer com aquele cota. Um bilhete de 6 euros da Ryanair nem faz a mesma cena. Mário André grande invenção. O que é que vais inventar a seguir? Caminhar para a frente?

Vai acelerando no discurso

Mário: porque é que não voas daqui para fora para ver se apanhas a tua cabeça que está lá nas nuvens. Mário André, só queres saber de cenas bué estranhas. Mário André podias não ter assustado as minhas amigas com as tuas conversas estranhas. Mário André as minhas amigas dizem que tu és estranho. Mário André eu começo a achar que elas têm razão. Mário André porque é que não me respondes às mensagens? Mário André a culpa não é tua é minha... Sabem o que é que eu digo? “Solange gosto bué de ti, e compreendo que queiras acabar...”.

Carlos: Mário André olha as pessoas!

Mário: Desculpa, tens razão... Sabem o que eu digo a esse pessoal? Que eles não compreendem nada. O meu cota não cria só uma cena que voa, ele cria a invenção humana de voar. Ele cria a realidade em que um instrumento que anda pelo ar é visto pela primeira vez. Como se pudéssemos ver o nosso filme preferido vezes sem conta sem nos cansarmos, como se a cidade que habitamos voltasse a ser um labirinto incompreensível, como se os lábios da Solange tocassem os meus sempre como na primeira vez.

Carlos: Outra vez a Solange. Mário André, depois arranjas outra.

Mário: Mas é isso que não quero cotinha, eu quero é...

Carlos: Como? Cotinha? Agora chamo-me Cotinha?

Mário: Não percebes? Eu não quero outra miúda. Quero é a Solange. Não a de agora que já não ligava ao que dizia. A de antes. Quero a que ela era antes, mas sem voltar atrás no tempo. Como tu queres fazer com a Passareta.

Carlos: Como!?

Mário: Sim. Ainda há pouco estavas a falar. Aquela invenção que aparece no Memorial do Convento. A passareta do Padre Gusmão.

Carlos: Passarola, Mário André! Passarola!

Mário: Isso, Passarola.

Carlos (*ri-se*): Mário André, só tu para me fazeres rir.

Mário: Ya, eu sei. Tu queres mostrar que a passarola voa, mas sem voltar atrás no tempo. Não é a mesma coisa que com a Solange?

Carlos: Em certa parte... Os aviões deixaram há muito de voar. As pessoas adormecem nas viagens e não se espantam de estarem nos céus. Os aviões transportam coisas e pessoas pelo ar. Mas não voam. A Passarola pelo contrário voa, sempre voou.

Mário: Mesmo com esta estrutura toda estrambólica?

Carlos: Especialmente com esta estrutura. É precisamente por estar cheia de coisas sem utilidade que ela voa. É a inutilidade que a faz voar. A Passarola vai cheia, mas cheia de sonhos. Conheces alguma coisa mais aerodinâmica que um sonho?

Mário: Wow... *(Olhando para a bicicleta que está a meio da sala)*
Cotinha, acho que é agora a altura...

Carlos: Estás mais que pronto! Roda a válvula da resignificação.
Desliga o interruptor do materialismo-histórico.

Mário: Tens a certeza?

Carlos: Sim.

Mário: Mas assim ficamos a trabalhar com o esquema rizomático.
Tens a certeza?

Carlos: Sim. E agora liga a bomba de circulação da metafísica.

Mário: Pessoal, aqui vamos nós. Lembrem-se: “O essencial
é invisível aos olhos”

*Mário tateia entre ferramentas à procura do interruptor.
Algumas ferramentas caem e, por fim, quando encontra
o interruptor, um cano cai.*

Carlos: Mário André, tu fechaste os olhos?

Mário: Cotinha, o essenc...

Carlos: Mário André! Dá-me esse tubo! Vamos concertar isso.

Carlos: Mário André, como é que estão as coisas?

Mário: Ainda me perguntas... quer dizer, acabei com a Solange,
dei uma seca ao pessoal e ainda por cima agora bati contra...

Carlos: Não são essas coisas.

Mário: Ah. Então tens. *(Mário André começa a descrição
da carpintaria)*

Carlos: Mostra-me o tubo da conduta de metafísica.

Mário: Aqui está. *(entrega-lhe o tubo)*

Carlos: Isto está cheio de Exupéry. Olha lá a frase que tu disseste
por acaso não é do “Príncipezinho”, pois não?

Mário: Acho que não cotinha.

Carlos: Onde a foste buscar?

Mário: Inventei... quer dizer... fui buscar ao insta da Solange.

Carlos: Pois, logo vi. O problema não está em por Exupéry a circular na canalização. O Problema é que Exupéry na presença de cabotinagem torna a metafísica altamente rarefeita.

Mário: Eish, cotinha acho que não percebi.

Carlos: Estou a dizer que se queres voar para engatar miúdas não vais a lado nenhum. Mas eu já te explico melhor. Mário André, o que é isto? É uma fissura, não é?

Dá tubo para Mário André comprovar

Mário: Ya, acho que está rachado.

Carlos: Passa-me o Rilke.

Mário: Este?

Carlos: Mário André, estás a brincar comigo?

Mário: É assim redondo com um buraco no meio.

Carlos: Esse é o Hemingway!

Mário: Este?

Carlos: Eu não vejo daqui seu ignorante!

Mário: Vês isto?

*Mário faz-lhe um manguito.
Carlos retribui-lhe o manguito.*

Mário: Como é que?

Carlos: Eu conheço-te. Anda lá, traz o mais rugoso.

Mário traz a fita-cola certa

Carlos: Olha aqui. “Não escrevas poemas de amor”. “Procura, como o primeiro homem, dizer o que vê e vivencia e ama e perde”. Só assim consegues fazer poesia pá. Só assim consegues voar. Ainda vais a tempo. Esta ferramenta é para um jovem poeta. Cola lá isso.

Entrega tubo a Mário. Mário deixa cair o tubo e parte-o.

Mário: Ai ai ai! *(coça a cabeça)* Parti o tubo.

Carlos: Outro tubo só vem daqui a uns dias. Tu e os teus amigos têm que esperar.

Mário: Espera. Talvez não seja preciso canalização.

Carlos: O quê?

Mário: Cotinha a passar... Passarola está a funcionar num esquema rizomático. Por isso ela alimenta-se sozinha como um corpo independente. Talvez só precisemos de alguém que nos ajude com uma análise biocêntrica.

Carlos: Queres alguém que ponha a passarola a funcionar biologicamente sem mecânica?

Mário: Ya cotinha. O Doutor Paulo do consultório aqui em cima pode-nos ajudar.

Carlos: O Doutor da cabeça? Aquele que anda de bicicleta?

Mário: Ya. Eu vou chamá-lo.

Carlos: Mas não é preciso agora...

Mário caminha abre a porta lateral da oficina e grita alto:

Mário: Doutor Paulo, venha aqui ver a Passareta.

Ouvem-se murmúrios lá de cima

O quê? Eu sei que não é ginecologista.

Mais murmúrios

Não Doutor Paulo, é a máquina de voar que eu e o meu pai inventámos.

Continuam os murmúrios

Eu sei que está muito ocupado com o trabalho, mas ouça só isto.

Mário André sai da oficina pela porta lateral e Carlos vai atrás.

Carlos *(De saída):* Espera aí Mário André, não incomodes assim as pessoas.

Entre a Oficina e a Sala Grande

Manuela (*voz off*): Mário André tu escreveste a mais bela carta de amor à arte de voar. Queres fazer um avião descolar por um caminho que trilhas com os teus passos. Por vinte anos ziguezaguearás tanto pelo relvado desconhecido que o transformarás numa pista de terra batida, pronta para receber um Jumbo Jet. Segredo: O último passo, nunca damos sozinhos.

Sala Grande

João – Mário André
Paulo

Ouve-se o início da música “AFG” de Sensible Soccers que voltará mais à frente na cena. Ao mesmo tempo que a música aparece, as portas principais da carpintaria devem abrir deixando ver uma luz picada para uma mesa e cadeira onde João (que agora fará de Mário André mais velho) estará. Ouve-se o bater na porta aberta que vem da bilheteira do Paulo.

Paulo: Mário André?

Mário caminha até ele sem falar.

Paulo: Muito tempo?

Mário: Em anos?

Paulo: A tua voz...

Mário: Envelheceu.

Paulo: Desculpa.

Mário: Onde estiveste?

Paulo: O teu...

Mário: Cotinha?

Paulo: Sim.

Mário: Voou.

Paulo: Lamento.

Mário: Onde estiveste?

Paulo: Desculpa, todo este tempo eu estive a trabalhar.

Mário: Eu sei.

Paulo: Não é que não fosse a casa, não tomasse banho, não comesse, não passeasse com os meus filhos no parque, não tivesse fins de semanas, não fizesse férias, mas todo este tempo ...

Mário: Estiveste a trabalhar.

Paulo: Sim, a trabalhar.

Mário: No centro de controle terrestre.

Paulo: Como?

Mário: Passas o teu tempo a ajustar voos, a impedir que eles voem demasiado alto. Justificas-te com a húbris. Com o voo de Ícaro. O cotinha é que dizia. Ele chamava-te doutor da cabeça. Não és doutor da cabeça?

Paulo: Fui. Até ontem.
Não me lembrava da oficina do teu pai assim.

Mário: As ferramentas guardei-as todas na carpintaria.

Paulo: Os motores, válvulas, canos.

Mário: Desapareceram e foram trocados por mecanismos biológicos.

Paulo: Pessoas?

Mário: Não são só as pessoas... Não sei explicar... palavras que rompem no ar... gritos eufóricos que estacam no... Poesia... metafísica. Metafísica.

Paulo: Transformaste isto de novo num...

Mário: Teatro, podes dizê-lo.

Paulo: Mas como? Todo este tempo...

Mário: Durante anos tive que servir realidade na Tabacaria.
Agora dedico-me à arte de voar.

Paulo: A Passarola.

Mário: Continua aqui, voa todos os dias. Mas a metafísica que paira no ar é ainda rarefeita, voa até um certo ponto. O ar está poluído pela economia, produtividade, apoios estruturados, bianuais, pontuais, sociais, culturais e interventivos. Metas, deadlines, esquemas, estéticas, diretrizes, política. Há um ar industrial tão fino que penetra em todos os lugares.

Paulo: Mas há um pulsar cardíaco nesta sala.

Mário: Um corpo?

Paulo: Um feto. Uma pessoa ainda para o ser.

Mário: Achas que conseguimos dar-lhe a forma de um corpo?

Paulo: Vamos fazer o diagnóstico.

Mário: Aqui está. Lembro-me que das poucas vezes que voaste foi com isto, não foi?

Entrega-lhe uma bicicleta

Paulo começa a andar de bicicleta de volta da Sala Grande. As luzes descem progressivamente e o pulsar musical bate cada vez mais forte. Isto tudo à medida que Paulo vai falando e acelera na bicicleta. A música “AFG” retoma.

Paulo: Tronco, estamos agora no tronco. Sinto o calor do coração do meu lado esquerdo e o palpitar cada vez mais acelerado. Sou uma partícula de oxigénio a prestes a entrar nos brônquios. Atravesso-os. Sou metade do que era. Passo por um corredor com alguns coágulos sanguíneos de antigos móveis usados como antigos cenários. Estou agora na carótida esquerda a subir pelo pescoço, procuro a parte mais criativa do cérebro e passo bem por perto do bolo alimentar que são os bilhetes e o dinheiro disposto na boca da bilheteira. Há calotes, quer dizer cáries no balcão da bilheteira (tenham cuidado). Vejo agora uma longa cortina no fundo do balcão, vejo a barreira hematoencefálica que proíbe os calotes de subirem até ao escritório. Subo as escadas e passo ao lado do cerebelo, regido por uma secretária que coordena e aperfeiçoa os movimentos do organismo, tem folhas de Excel impressas e planos de ensaios, daqui saem as orientações para o bom funcionamento do todo. Agora estou solto neste grande cérebro que é o escritório, estou banhado de licor, folhas de papel com nomes de personagens, horários, planeamentos, sinopses, sinapses. Sim, sinapses nas mãos

que pressionam as teclas do computador. Os dedos que são como o prolongamento dos neurónios – os axónios – que comunicam com as dendrites que são as teclas do computador. Vejo os axónios à minha frente buscando incessantemente as suas dendrites, vejo uma pessoa, mas ela não me vê. Está compenetrada a formar sinapses, no seu cérebro, do cérebro do computador, que está no cérebro do escritório que é o cérebro deste organismo.

Volto para o centro, o tronco, ou seja, esta sala enorme. Por baixo das costelas deste corpo, por entre as costelas vêm-se nervos a comunicar por projetores de luz para as vísceras, que sou eu, que és tu, que somos nós. Quer dizer eu agora sou um coração emprestado, posso-vos falar em jâmbico de Shakespeare, para melhor perceberem: “To be or not to be, that is the question.”

Atravesso a saída e alegremente voo para os órgãos reprodutores e de prazer. Ouço melodias inebriadas pela testosterona e ocitocina... quer dizer há todo um menu ao balcão de bebidas disponíveis.

Há quem tome demasiada testosterona e fique completamente bêbado, vejo um casal a beijar-se ao som do estímulo de memórias antigas, a música da primeira vez.

Percorrem a sala da Tabacaria até ao fundo e num percurso de beijos e paragens descrevem um “S” que entra pelo corredor do intestino delgado da casa de banho, de repente são absorvidos pela porta da casa de banho das senhoras e correm até ao compartimento da sanita. Torno-me ainda mais pequeno, pequeníssimo e caio no correr do autoclismo que foi ativado por uma mão descontrolada à procura da breguilha das calças.

Entro no intestino grosso que é o esgoto que corre por baixo dos nossos pés e saio numa sarjeta em frente ao passeio deste corpo. Voo pelo ar e agora sim vejo. Vejo o ser que é a Oficina Municipal do Teatro. A cabeça – o escritório, encolhido e voltado para o tronco, a Sala Grande, e as pernas pequenas, agachadas na Tabacaria que formam este grande C que é um feto, que é um bebé, que é algo que ainda está para ser.

Vejo um cordão umbilical, melhor, vejo as duas artérias e uma veia que o compõem.

Os caminhos, exato! Os caminhos são as artérias! Daqui de cima vê-se bem. O caminho para cérebro, fustigado pelos passos de quem vem trabalhar. O caminho para os genitais, o caminho de quem caminha a saltitar levemente.

Estranho. A única veia, a única saída, é a paragem do autocarro. Como se saíssemos sempre guiados por um motorista.

Voo mais alto e vejo que o feto está banhado por um líquido amniótico de carros estacionados no útero-quarteirão.

Daqui o cordão umbilical parece maior. Como se alimentasse da grande mãe que é toda a cidade.

Subo mais. Está de noite e vejo o circuito sanguíneo da cidade-mãe. Os carros, motas, e autocarros são glóbulos brancos a ser bombeados do centro para fora. Do coração para a sua casa.

A cidade está deitada à beira-mar e molha os pés no Mondego. Vejo bem a sua barriga e o umbigo saliente em forma de torre sineira.

Voo até ao umbigo-torre e pouso. Espero pelas contrações, por um pontapé de um dos fetos.

Aí está o pé: corre para trás preparando-se para o ataque e ouço o som de multidões lá no fundo. Em 69. Está a chegar, ouço palavras de ordem cada vez mais alto. Passaram-se cinco anos e toda a cidade mãe contraiu e sou projetado a uma velocidade estonteante. Olho para baixo. E já consigo ver todo o corpo da cidade. É um livro pousado em cima da mesa, como quem deixa de ler por um curto instante. A cidade está grávida, grávida de letras.

Voo mais alto e vejo que estou num país cérebro banhado pelo licor da poesia. As autoestradas-axónio ligam as cidades-neurónio entre si.

Subo mais alto e vejo agora e vejo a cabeça da rainha, a cabeça é toda a Península Ibérica. Aliás toda a Europa é um corpo humano, é a representação de Regina, a rainha Europa.

Na cabeça, Espanha e Portugal, os braços italianos e ingleses, o tronco francês e as pernas tapadas por um vestido germânico que vai até aos pés gregos e estónios.

Voo mais alto e sou expelido do que vejo agora ser um óvulo azul, por mim passam cometas-espermatozoides que um dia fecundaram a terra-óvulo de vida.

Voo ainda mais alto!

Música para abruptamente.

Já não ouço nada, o silêncio é...

Ouço apenas o bater do meu coração...

Som de coração a bater.

Como se tudo pedisse para olhar o que agora vejo – a grande constelação de neurónios que é a Via Láctea. E os planetas orbitam as estrelas em viagens sinápticas.

Sinapse – O planeta gira por sinapses. O meu coração bate dentro de uma sinapse. Dentro do conglomerado de galáxias-cérebro.

Talvez o universo seja um grande corpo humano.

Talvez eu seja a sinapse de uma memória feliz que faz um coração bater mais forte.

Penetro novamente na grande constelação de neurónios.

Música volta, mantendo o som do bater de coração

Os sons parecem voltar.
Vejo óvulo-terra cada vez maior.
Penetro nele.
Vejo novamente Regina-Europa.
Viajo até ao rosto ibérico.
Entro no cérebro luso.
Vejo os neurónios-cidade e as estradas-axónios.
Vejo a mãe-livro, vejo a cidade da torre.
Vejo as estradas repletas de carros a viajarem para casa.
Vejo um quarteirão com um grande estacionamento e um jardim ao fundo.
Vejo só um caminho, o que dá para o escritório do edifício preto que agora vejo.
Entro no edifício por cima, vejo uma nuca grisalha.
Desço pelas orelhas, passo pelo pescoço, curvo nos ombros e desço pelo braço direito.
Passo peço dedo indicador e atravesso até um tubo metálico, salto uma dobra, outra, outra e chego a uma ponta de plástico.

Luzes vão acendendo progressivamente

Salto...
Para a esquerda duas vezes.
Para a direita, duas vezes.
Salto...
Para a esquerda duas vezes.
Para a direita, duas vezes.
Salto...
Para a esquerda duas vezes.
Para a direita, duas vezes.
Salto...

Paulo aparece nitidamente na luz. Vê-se o tatear dele com a bengala ritmado com o bater de um coração. Paulo caminha para fora da sala.

Entre Sala Grande e o Fim do Espetáculo

Esta cena possui duas versões. Uma para ser apresentada durante a temporada e uma final, para ser apresentada no último dia.

Versão 1

Manuela *(voz off)*

Amanhã serei novamente o génio engarrafado nas ondas hertzianas que comprimem a minha voz. Agora vou sem caminho. Escolho pairar por toda a parte!

Versão 2

Manuela *(voz off)*

Amanhã já não serei o génio engarrafado nas ondas hertzianas que comprimem a minha voz. Mas agora, e enquanto a Vera não vier, continuarei a voar e percorrer todos os poros deste edifício.



O Que é Invisível, Carlos Gomes



O Que é Invisível, Carlos Gomes

1



3



2



4



O Senhor Biedermann e os Incendiários,
(1 & 2, Carlos Gomes; 3, Paulo Abrantes; 4, Teresa Valente)





1

2



CONDOMÍNIO (ponto) PT,
(1, Teresa Valente; 2, Carlos Gomes)



CONDOMÍNIO (ponto) PT



CONDOMÍNIO (ponto) PT,
(1, Teresa Valente; 2, Carlos Gomes)



CONDOMÍNIO (ponto) PT

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

Dramaturgia Sandra Pinheiro

Direção Mariana Nunes e Mónica Tavares

Coordenação do projeto Isabel Craveiro, João Santos

Coordenação científica Cláudia Carvalho, Fernando Fontes,
Susete Margarido

Interpretação António Pereira, Armando Sousa, Carla Rodrigues,
Carlos Pimentel, Cati Ramos, Clara Pinto, Eliana Ramos, Eunice Santos,
Graça Alves, Graça Cruz, Guida Álvaro, Isabel Marques, Isabel Pimentel,
Maria Manuela Durão, Mário André Cardoso, Marta Carriço,
Sandra Cavaleiro

Desenho de luz Jonathan de Azevedo

Banda sonora Nuno Pompeu

Figurinos e cenografia Filipa Malva

Grafismo And Paul Studio

Fotografia Carlos Gomes, Mário Canelas, Paulo Abrantes
e Teresa Valente

Comunicação Luís Marujo, Margarida Sousa

Produção Cátia Oliveira, Eva Tiago, Isabel Craveiro

Parceiros Partis & Art for Change, Fundação Calouste Gulbenkian,
Fundação “la Caixa”, ACAPO

Cena 1 – A reunião de condomínio

Assembleia geral de condóminos. Os vários condóminos vão chegando e falando uns com os outros, num compasso de espera inicial.

Podem estar todos os atores. Cada um representa uma fração.

Depois da reunião de condomínio, que será num espaço comum, vamos seguir estas personagens e outras que não estão presentes, nas suas casas, com problemáticas diferentes. No final, regressam à reunião de condomínio para o fecho. Os primeiros a chegar são os administradores do condomínio.

Jeremias: Bem, vamos ver quantas pessoas vêm hoje. Só tenho uma procuração.

Policarpo: Isto tem de levar uma volta.

Jeremias: Já há muito tempo. É preciso tomar decisões...

Policarpo: Pois, é preciso tomar decisões.

Jeremias: É isso mesmo... Mas às vezes não querem.

Policarpo: Não querem, ou não podem! É que às vezes

Jeremias: Não temos a vida toda.

Policarpo: Alguém tem de tomar a iniciativa!

Noutra zona da sala de condóminos, os vizinhos conversam.

Dona Esperança: Dona Ludovina, senhor Ludovico, já não os via há muito tempo. Está tudo bem?

Ludovina: Oh Dona Esperança, é o trabalho!

Ludovico: É o trabalho.

Ludovina: Sabe como é, os dias passam e é casa trabalho, trabalho casa...

Ludovico: É ir levar os miúdos às atividades...

Ludovina: O tempo passa a correr.

Dona Esperança: Ai, a quem o diz, Dona Ludovina.

Ludovina: Dona Esperança, a senhora não está já reformada?

Ludovico: Pois... já está reformada!

Dona Esperança: Estou, mas a vida não pára.

Ludovina: Nem me diga!

Ludovico: Nem me diga!

Ludovina: Eu olho para os miúdos. Mal nasceram e já está quase a sair de casa.

Dona Esperança: Olhe, por falar em miúdos. Vi o seu mais velho. Aquilo deve ser cá de uma raça!

Ludovina: Dona Esperança, como é que está a questão das infiltrações?

Ludovico: Pois... as infiltrações...

Ludovina: Já resolveram?

Dona Esperança: Acha? Ninguém resolve. Mas hoje vai ter de ficar resolvido. Hoje ninguém em cala.

Chega o Senhor Garibaldo com a neta Gisela. Cumprimenta os vizinhos e senta-se ao telemóvel.

Gisela: Boa noite.
Como está?
Oh Avô, onde quer sentar-se?

Garibaldo: Na esquerda alta.

Dona Brites *(Para Bernardete)*: Olhe. Este é o Sr. Garibaldo. É do 4º esquerdo. Um antipático. É estrangeiro.

Bernardete: 4º esquerdo? São de lá aqueles barulhos?

Gisela: Barulhos no 4º esquerdo? Ouvem alguma coisa?

Dona Brites: Não. Não ouvimos nada, filha. Como está o avô?

Gisela: Está tudo bem, obrigada.

Dona Brites: *(para Bernardete)*: É mesmo do 4º esquerdo que vêm os barulhos. Só mora lá ele e a “neta”, onde já se viu!

Bernardete: É sempre à hora da minha meditação. É ele, são os estudantes... é o miúdo endiabrado da Ludovina e do Ludovico...

Dona Brites: Já percebi. Então é por isso que a senhora anda no estado em que anda.

Bernardete: Eu?

Entram, a custo, as manas do 5º Frente, duas idosas com algumas dificuldades de locomoção.

Mana 1: Estás a ver que ainda não começou. Eu bem te disse.

Mana 2: Mas já devia ter começado.

Mana 1: Olha Mana... Da próxima vez vens sozinha. Estou cansada deste prédio.

O Senhor Garibaldi acena, mas não fala.

Entra Salomé e dirige-se para junto do Sr. Policarpo e do Sr. Jeremias.

Salomé: Então, começamos?

Policarpo: Vamos a isso.

Salomé: *(para o grupo):* Boa noite. Boa noite a todos, novamente. Vamos começar?

Todos se sentam rapidamente. Salomé, o Senhor Policarpo e o Senhor Jeremias ficam destacados atrás de uma mesa.

Policarpo: Ora vou dar início à Assembleia Geral Ordinária de condóminos do nr. 10 da Avenida de Portugal, que se realiza no dia ____ *(data do dia do espetáculo)*.

Jeremias: Já passamos a lista de presenças. Temos quórum.

Salomé: Eu tenho a procuração da Senhora Infante, que representa as frações do 8º e do 7º Esquerdo e direito e ainda do 1º frente, 2º esquerdo e 3º esquerdo.

Dona Brites: Essa qualquer dia é dona do prédio.

Manas 1 e 2: Já faltou mais.

Jeremias: Muito bem. Vamos ver a agenda para hoje.

Salomé: Temos a questão da pintura e da impermeabilização do prédio. Temos a questão dos canteiros da entrada. Temos a questão dos contadores partilhados com os prédios do lado, que estão a ser debitados na nossa conta, e não conseguimos resolver. E temos a questão a eleição da nova direção. Há mais questões que queiram discutir?

Dona Esperança: A minha infiltração.

Umbelina: Eu queria falar da esplanada.

Bernardete: Eu queria falar dos barulhos do prédio e sobre a esplanada do café.

Jeremias: Quais barulhos?

Bernardete: Os saltos, as festas dos estudantes, as discussões...

Dona Esperança: As crianças, os outros barulhos de certas casas... Isto é um prédio de família!

Salomé: Obrigada. Já está na agenda.

Garibaldi: ...

Gisela: Oh, avô!

Garibaldi: ...

Salomé: Senhor Garibaldi quer acrescentar alguma coisa?

Gisela: Não, não, obrigada.

Policarpo: Como sabem, nós os três estamos há mais de quatro anos, a assegurar o mínimo, mas não pode continuar assim.

Jeremias: Nós os três tomámos uma decisão.

Policarpo: Sim. Tomámos uma decisão.

Jeremias: É irrevogável.

Policarpo: Irrevogável. Irrevogável.

Salomé: Como já perceberam. Vamos deixar a direção do condomínio.

Jeremias: É isso mesmo.

Policarpo: É verdade. E não voltamos atrás.

Salomé: E por isso, já sabem qual é a nossa decisão, e temos de eleger uma nova administração.

Dona Esperança: Pois claro. Alguém devia voluntariar-se. Não podem ser sempre os mesmos. Eu concordo plenamente.

Jeremias: É isso mesmo, Dona Esperança.

Dona Esperança: Eu até o faria de bom grado, mas não posso.

Mana 1: Pois. Os mais novos. Tem de ser alguém mais novo, não é?

Ofélia: Sim, claro. Alguém mais novo.

Jeremias: Qualquer pessoa pode.

Salomé: Já estamos neste impasse há mais de 4 anos. Na realidade, nós não somos os administradores. Estamos a assegurar interinamente, para fazer a manutenção mínima do prédio.

Garibaldo (*em estrangeiro. Ninguém percebe*): E tem sido mesmo muito mínima. Está uma vergonha. Uma vergonha.

Bernardete: O que é que ele disse?

Gisela: Diz que este prédio está vergonhoso. Está cada vez pior.

Dona Brites: Olha, o Sr. Garibaldo falou! Tem cá uma autoridade para falar!

Gisela: Desculpe, não percebi.

Dona Brites: Eu estava a dizer que o senhor Garibaldo tem muita autoridade para falar.

Dona Esperança: Dona Brites, a senhora é que podia ser administradora.

Ofélia: Que excelente ideia.

Dona Brites: Eu? Porquê eu?

Dona Esperança: Então... a senhora parece-me uma pessoa cheia de iniciativa. Até arranjou o canteiro há uns anos.

Dona Brites: E diga-se que arranjei com muito gosto, mas depois, ninguém cuidou dele.

Dona Esperança: Isso era porque não queríamos meter-nos no seu trabalho.

Ofélia: E bem. E bem.

Dona Brites: Sim, sim. Era pois.

Salomé: Bem, desculpem interromper. Tem sido isto todos os anos, depois as pessoas começam a debandar. Discute-se muito, mas depois não se decide.

Ofélia: Tem toda a razão.

Policarpo: Isto tem de ficar definido hoje. Eu sei que sou uma pessoa sozinha, não tenho família, mas tenho uma vida.

Salomé: Eu sou da opinião que devíamos contratar uma empresa de gestão de condomínios.

Ofélia: Bem pensado. Se calhar é o...

Senhor Policarpo, Senhor Jeremias, Dona Brites, Dona Esperança, e Mana 1 insurgem-se contra a ideia das mais diversas formas. Não se percebe bem quais os seus argumentos, porque falam em simultâneo.

Salomé: Meus senhores, é apenas uma sugestão. O prédio precisa de manutenção urgente, e se não fizermos nada, o investimento vai ter de ser maior.

Bernardete: Os ralos do pátio estão sempre entupidos. São os clientes do café, que atiram as beatas para o chão.

Ofélia: É uma chatice. Mesmo na nossa entrada.

Dona Esperança: Sabe o que é que faz isso? Desde que a Umbelina pôs a esplanada, ficou pior. Eu voto em retirar a esplanada. Quem mais vota?

Ofélia levanta a mão.

Jeremias: Antes temos de decidir quem é que vai assumir a administração.

Ludovico: Levanta a mão.

Ludovina: Levanto a mão?

Ludovico: Eu não me importo de ficar um ano.

Ludovina: É, nós não nos importamos de ficar um ano.

Dona Esperança: Têm a certeza que conseguem?

Ludovico: Tenho.

Ludovina: Tenho. Temos. Dona Esperança, a senhora tem alguma coisa para me dizer?

Dona Esperança: Eu???? Não. Claro que não. Mas, não sei. Sabe que o condomínio dá muito trabalho. O meu falecido marido, que Deus tem, foi administrador, e olhe, um bom administrador.

Ofélia: Pois foi. Um excelente administrador.

Dona Esperança: Pois era. Mas sabe que a vizinhança era diferente na altura.

Ofélia: Pois era. Havia respeito. As pessoas empenhavam-se mais.

Dona Esperança: E como eu dizia, o meu falecido marido foi administrador, e olhe, foi o condomínio que o matou. Ninguém me convence do contrário.

Policarpo: Oh Dona Esperança... o condomínio não é fácil, mas não é assim tanto.

Dona Esperança: Eu é que sei. Eu é que sei. O Senhor acha fácil, porque não tem mais nada que o ocupe.

Ofélia: Só quem passa por elas é que sabe.

Salomé: Obrigada, dona Ludovina. Senhor Ludovico. Precisamos de mais duas pessoas.

Dona Brites: A Senhora Infante é que deveria ser. Ela já é dona de quase meio prédio.

Jeremias: É verdade.

Mana 1: Pois, mas os inquilinos dela são os que causam maiores problemas. É música até altas horas. O cheiro a droga que está no patamar...

Ofélia: Pois é. Houve um dia em que o Fernão andava muito bem disposto, e depois é que eu percebi o que é que foi. Ele tinha estado a trocar a lâmpada da entrada, respirou aquele cheiro... Foi uma pândega.

Mana 2: Não é uma pândega. É um caso de polícia.

Policarpo: Já falámos sobre isso, não podemos fazer nada.

Mana 2: Mas nós não temos de levar com o cheiro.

Jeremias: Estamos aqui há quase uma hora, e ainda não decidimos nada.

Ofélia: Pois, ainda não decidimos nada.

Garibaldo (*Em estrangeirês*): O problema é que ninguém sabe como resolver os problemas.

Pausa. Todos olham para Garibaldo e para Gisela.

Gisela: Ah, pois. O que é que disseste, avô?

Garibaldo (*em estrangeirês - mas fala durante um texto extremamente longo*): O problema é que ninguém sabe como resolver os problemas.

Gisela: O problema é que ninguém sabe como resolver os problemas.

Ofélia: Pois. É isso mesmo. Ninguém sabe.

Dona Esperança: Ou ninguém quer.

Salomé: Então não se faz nada. É isso?

Bernardete: Por mim, mantém-se como está.

Jeremias: Não se mantém como está.

Policarpo: Nem pensar.

Jeremias: Por mim, acabou.

O Senhor Jeremias sai da reunião. É seguido pelo Senhor Policarpo.

Os restantes vão-se levantado e saindo também. Cada um dizendo algo.

Dona Esperança: Então estamos conversados? Eu bem disse que isto não ia dar em nada. É sempre a mesma coisa. O português não se envolve.

Ludovina: Se não está mais ninguém disposto a assumir, eu também não.

Ludovico: Eu também não.

Mana 1: Eu disse-te, Mana. Este prédio já não interessa.
Já não interessa.

Mana 2: Tanta coisa para fazer. Nós podíamos...

Mana 1: Ah! Tu podes lá alguma coisa?

Dona Brites: Oh Dona Ofélia, aquilo do seu marido foi mesmo verdade?

Ofélia: Foi mesmo. Eu até já pensei fazer eu a mesma coisa.

Dona Brites: Sabe que eu nunca experimentei. Cigarros já fumei algumas vezes... na passagem de ano e assim. Mas, dá-me tosse.
Não sabia que fazia efeito assim, só de se respirar.

Ofélia: Olhe que faz mesmo.

Dona Brites: Quando lhe cheirar, diga-me, que eu vou arranjar os vasos do patamar.

Ofélia: Boa ideia.

Saem todos e Salomé fica sozinha.

Salomé: E agora? O último que feche a porta, não é?

Cena 2 – Salomé

Salomé sozinha. Em frente à televisão vê as notícias. Primeiro, uma notícia da economia estagnada. Depois uma notícia sobre a devastação da guerra. Por fim, uma notícia sobre uma transferência de um jogador.

*Salomé atira com a comida que está a comer.
Começa um diálogo consigo mesmo.*

Salomé: O que é isto?

O que é isto?

Que mundo é este?

Não quero. Não quero isto.

- Mas queres o quê? Tu não tens querer.

Tenho. Tenho de ter.

Que mundo é este? Como é possível que nos tenhamos tornado nisto?

Esta apatia.

Somos espectadores da destruição da humanidade.
Somos selvagens.
Somos piores do que selvagens!
Comemos... comemos bifes enquanto vemos famílias recolher pedaços dos corpos dos filhos.
E depois rimos contentes porque o Ronaldo marcou um golo e achamos que somos os melhores!
E tudo passa. Passa-nos tudo ao lado. E o que fazemos?
Nada. Nada. Não fazemos nada.
Eu não faço nada.
Eu não sei o que fazer. Mas quero fazer alguma coisa. Eu tenho de fazer alguma coisa.
- Sozinha? Vais fazer sozinha? Que força tens sozinha?
Esta angústia que me consome.
Alguém tem de fazer. Alguém tem de ser capaz de fazer algo. Senão, que vida é esta? Qual é o propósito? Viver para morrer... Para morrer bem?

Olha a televisão.

O mundo alimenta-nos a ilusão.
A ilusão de que vivemos bem.
Temos sorte... uma casa, comida na mesa, paz, amigos. Há sempre alguém pior do que nós. Isso é bom. Quer dizer, é mau. É mau para alguém, mas é bom. É bom para nós.
Somos afortunados.
E gostamos de mostrar a nossa vida afortunada. As nossas férias. A nossa cara sem rugas, porque agora, conseguimos tirar rugas e pôr a pele bronzeada em 2 segundos.
Para além de afortunados com a vida, somos afortunados pela vida - somos bonitos.
Ah. E também somos bons. Boas pessoas.
Pomos likes em fotos de solidariedade com a Palestina.
Partilhamos declarações de paz para com a Ucrânia.
Acendemos velas e mostramos as nossas velas acesas ao mundo para acharmos que fazemos alguma coisa.
Somos afortunados, somos solidários e somos gratos. Somos perfeitos humanos sem humanidade nenhuma. Somos tudo isto sem fazermos nada para sermos o que somos.
Somos uma merda! Somos uma merda!

Salomé recompõe-se. Respira fundo e senta-se. Passado algum tempo, liga a televisão e deixa-se levar pelo programa que estiver a dar.

Cena 3 – Ofélia e Fernão

Ofélia põe a mesa. Fernão fora de cena. Voz pode ser gravada.

Ofélia está apreensiva. Põe a mesa de forma a tentar chamar a atenção. Vai olhando para o marido que não levanta os olhos do computador.

A mesa vai sendo posta gradualmente, trazendo poucas coisa de cada vez.

Por fim, traz a comida e senta-se à mesa sozinha.

Ofélia: Fernão, a comida está pronta.

Fernão: ...

Ofélia: Não vens comer?

Fernão: ...

Ofélia: Vai ficar frio.

Fernão: ...

Ofélia: Posso esperar por ti.

Fernão: ...

Ofélia: Não queres que espere?

Fernão: ...

Ofélia: Talvez não valha a pena esperar.

Ofélia começa a comer sozinha. Come, levanta o prato e sai da mesa.

Cena 4 – Jeremias e Zuleica

Jeremias e Zuleica em casa. Estão vestidos para sair. Verificam as horas.

Zuleica: Ainda faltam 15 minutos. Descemos já?

Jeremias: Só quando a ambulância chegar.

Zuleica: Estás nervoso?

Jeremias: Tu estás?

Zuleica: Sim. E se...

Jeremias: Não digas nada. Eu já sei o que te pode animar.

Jeremias coloca uma música. Começa a cantar e a dançar com Zulmira "Tiro ao Álvaro" de Adoniran Barbosa & Elis Regina (A música que apresento é apenas indicativa. Pode ser outra. A minha ideia é que terá de ser uma música divertida):

Jeremias: De tanto leva frechada do teu olhar

Meu peito até parece sabe o quê?

Táubua de tiro ao Álvaro

Não tem mais onde furar

(Não tem mais)

De tanto leva frechada do teu olhar

Meu peito até parece sabe o quê?

Táubua de tiro ao Álvaro

Não tem mais onde furar

Teu olhar mata mais do que bala de carabina

Que veneno estriquinina

Que peixeira de baiano

Teu olhar mata mais que atropelamento de automóver

Mata mais que bala de revórver

Tocam à campainha. Pegam numa pequena mala e saem a dançar.

Cena 5 – Gisela e Garibaldi

No quarto. Garibaldi sentado à sua secretária. Gisela chega com o pijama para o ajudar a deitar-se. Garibaldi fala em estrangeirês. Deixo as falas dele, mas estão todas incluídas nas falas de Gisela para que o diálogo fique perceptível.

Gisela: Oh avô, o que está a fazer?

Garibaldi: Estou a escrever uma carta.

Gisela: Está a escrever uma carta? Outra vez?

Garibaldi: As vezes que forem precisas.

Gisela: As vezes que forem precisas!

Isso faz-lhe mal.

Garibaldi: O que me faz mal é ficar quieto.

Gisela: Não. Não lhe faz mal nenhum ficar quieto.

(pausa)

E para quem é a carta, desta vez?

Garibaldo: Para o prédio.

Gisela: Para o prédio?

Garibaldo: Sim. Já escrevi para o vizinho do primeiro frente, não resultou. Escrevi para o vizinho do 5º e não resultou. Escrevi para a Dona Esperança, não resultou.

Gisela: Sim, eu sei bem que já escreveu para o vizinho do primeiro frente e do segundo e do terceiro e do 5º... e não resultou. Eu sei bem disso. Já pensou que se calhar eles não o percebem?

Garibaldo: Eles não querem é perceber.

Gisela: Eles não querem perceber? Pois não. Então agora vai escrever para o prédio todo? A mesma carta?

Garibaldo: Sim.

Gisela: Sim? E o que é que vai dizer?

Garibaldo: Tudo. Vou mostrar de quem é a culpa.

Gisela: Vai mostrar de quem é a culpa?
Então, dê cá o computador. O avô dita dita e eu escrevo.

Gisela pega no computador e começa a escrever. Garibaldo dita em estrangeirês e Gisela escreve. Ri-se muito. E vai dizendo, de vez em quando alguma das expressões abaixo. Não sabemos qual é o conteúdo da carta, mas ficamos na expectativa, que será desvendada na cena final.

Gisela: Tem a certeza que quer dizer isso?
Ui, esta até a mim me doeu.
O avô não tem emenda!
Nós vamos ser expulsos do prédio, sabe disso?
Como é que o avô sabe estas coisas?

Cena 6 – Ludovina, Ludovico e Luciano

Luciano está no quarto no telemóvel. Nunca vemos Luciano. Ludovina e Ludovico falam à porta do quarto em surdina.

Ludovina: Ai, Ludovico, temos de fazer alguma coisa.

Ludovico: O quê, Ludovina?

Ludovina: Tu és o pai, Ludovico!

Ludovico: E tu és a mãe, Ludovina!

Ludovina: Está lá há dez horas, Ludovico.

Ludovico: A culpa é tua, Ludovina.

Ludovina: A culpa é minha, Ludovico?

Ludovico: Sim. Demasiado mimo, Ludovina.

Ludovina: Demasiado mimo, Ludovico?

Ludovico: Nunca fizeste nada, Ludovina.

Ludovina: Nunca fiz nada, Ludovico?

Ludovico: Não, nunca fizeste nada, Ludovina. Agora é isto.

Ludovina: Eu nunca fiz nada. E tu, Ludovico o que vais fazer?

Ludovico: Pois, o que é que eu vou fazer?

Ludovina: Já desligaste a internet?

Ludovico: E a luz... Ele não dorme, Ludovina.

Ludovina: Desde bebé, nunca dormiu muito, Ludovico. Lembra-te como foi para largar a chupeta?

Ludovico: Uma semana em casa dos teus pais, Ludovina.

Ludovina: Pois, mas agora não pode ser. Foi lá que ele ficou assim. Vou entrar.

Ludovina entra, mas sai logo.

Ludovina: Ludovico. Se calhar, é melhor mandar-lhe um e-mail.

Ludovico: Melhor, tive uma ideia. Fazemos um vídeo no TikTok, e assim ele já nos ouve.

Cena 7 – Mana 1, Mana 2, Agente Imobiliária e Senhora Infante

Em casa das Manas. A Agente Imobiliária e a Senhora Infante tomam chá.

Agente Imobiliária: Minhas senhoras, a vossa decoração é uma obra de arte. Quem é que fez este quadro?

Mana 1: Este fui eu.

Mana 2: É miolo de pão.

Agente Imobiliária: Miolo de pão? Miolo de pão a sério?

Mana 1: Sim. Estão aí 47 carcaças.

Senhora Infante: Eu disse-lhe. Estas senhoras têm mãos de fada.

Agente Imobiliária: Estou a ver. Realmente estas peças têm de ser mostradas. Digo mais, as senhoras deveriam ensinar esta arte.

Mana 2: Eu até já pensei nisso.

Senhora Infante: E é mesmo para pensar. Esta arte não se pode perder.

Agente Imobiliária: E este chá. Delicioso!

Mana 2: É erva príncipe. Apanhei agora, ali do meu vaso.

Senhora Infante: Tem erva príncipe num vaso? Precisa de estar na terra!

Mana 2: O vaso é grande.

Senhora Infante: Sim, mas é importante haver espaço para enraizar.

Agente Imobiliária: Pensaram na proposta da Senhora Infante?

As manas não reagem.

Senhora Infante: Eu até trouxe aqui um folheto com a residência sénior que estou a construir.

Agente Imobiliária: É uma coisa de luxo. De luxo!

Senhora Infante: Tem refeitório, quartos duplos, um quintal para os clientes, tem salas de convívio, ginásio, sala de fisioterapia, sala de massagens e até uma sala para artes e terapia ocupacional.

Agente Imobiliária: É uma coisa de luxo. Não é qualquer um que consegue entrar.

Senhora Infante: Pois não. E acabam-se as chatices com os estudantes, e os vizinhos.

Agente Imobiliária: E a logística é uma simples. É uma permuta. O vosso apartamento em troca de um conforto para o resto da vida, sem qualquer tipo de preocupações. O que me dizem?

Cena 8 – Policarpo e Umbelina

No patamar do prédio. Umbelina à porta de Policarpo. Leva-lhe uma sopa e uma empada.

Umbelina: Soube que está doente e vim trazer-lhe o almoço.

Policarpo: Oh, uma canjinha. Muito obrigado.

Umbelina: Eu estava lá no café a pensar... O Senhor Policarpo doente, sem ninguém que o cuide como deve ser.

Policarpo: Oh Dona Umbelina! A senhora é muito atenciosa.

Umbelina: Oh Senhor Policarpo. Trate-me só por Umbelina, por favor. Estou sempre a pedir-lhe a mesma coisa.

Policarpo: Sabe que eu sou de uma geração em que o respeito é importante.

Umbelina: Eu sei. Mas até parece que somos estranhos. Só Umbelina, é suficiente.

Policarpo: Só se se também fizer o mesmo.

Umbelina: Oh. Então está bem, Policarpo!
É um nome muito bonito. Condiz consigo.

Policarpo: Assim deixa-me sem jeito.

Umbelina: Mas é verdade. E o senhor é uma pessoa bonita.
Se não fosse o senhor nada acontecia neste prédio.

Policarpo: Senhor não, Umbelina.

Umbelina: Oh!

Policarpo: Você é que começou.

Umbelina: Oh. Espero que fique bem depressa. Faz falta no café.

Policarpo: Quanto é que lhe devo?

Umbelina: Ora essa. Você não me pediu nada, Policarpo.

Policarpo: Gosto da forma como diz o meu nome.

Umbelina: É um nome forte. Uma pessoa com este nome, pode fazer o que quiser.

Policarpo: Nunca pensei nisso.

Umbelina: Eu já pensei nisso muitas vezes.

Policarpo: Eu gostava de fazer alguma coisa por si. Foi tão gentil.

Umbelina: Fique bem. Alguma coisa lhe há de ocorrer. Tenho de descer. O café está à espera.

Policarpo: Até amanhã Umbelina.

Umbelina: Até amanhã, Policarpo.

Cena 9 – Bernardete

Bernardete, sua casa, tenta fazer meditação.

Ouve-se uma gravação de condução da meditação.

Não consegue concentrar-se devido a uma sequência de barulhos que interrompem a sua meditação. Os barulhos devem ser os que identificaram nas explorações.

Bernardete vai reagindo aos barulhos.

Acaba por desistir.

Cena 10 – Dona Esperança e Dona Brites

Vemos Dona Esperança em casa.

Está a gravar um podcast.

Dona Esperança: Olá a todos, recordo que estão a ouvir mais um episódio do meu podcast: Há sempre Esperança. E agora vamos colocar à nossa convidada as perguntas habituais, que fazemos no final do programa. Já sabe, são 5 perguntas sobre a esperança e tem de dizer a primeira coisa que lhe vier à cabeça. Está preparada?

Dona Brites: Estou.

Dona Esperança: A primeira pergunta é.

Dona Brites: Espere aí. Tenho de dizer a primeira coisa que me vier à cabeça?

Dona Esperança: Sim.

Dona Brites: Sobre a Esperança?

Dona Esperança: Sim.

Dona Brites: Estamos a falar de que esperança?

Dona Esperança: Como assim?

Dona Brites: É a esperança conceito, ou a Esperança pessoa?

Dona Esperança: Acha que isso é importante?

Dona Brites: Por acaso acho.

Dona Esperança: Porquê.

Dona Brites: Depende do que estivermos a falar.

Dona Esperança: Mas a senhora acabou de nos dizer que é importante sermos verdadeiros.

Dona Brites: Pois acabei.

Dona Esperança: Então não vejo onde está a dificuldade.

Dona Brites: Não é uma dificuldade.

Dona Esperança: Posso fazer as perguntas?

Dona Brites: São sobre o quê?

Dona Esperança: Já lhe disse que são sobre a Esperança.

Dona Brites: Qual esperança?

Dona Esperança: Tem uma má relação com a Esperança?

Dona Brites: Depende de que Esperança estamos a falar.
Já lhe disse.

Dona Esperança: Há muitas esperanças.

Dona Brites: Pois há.

Dona Esperança: Eu tinha esperança que me respondesse a estas questões, mas parece-me que vou ficar à espera.

Dona Brites: Sabe que quem espera, sempre alcança.

Dona Esperança: Mas quem vive de esperança, morre de fome.

Dona Brites: E quem tem esperança, tem paciência.

Dona Esperança: Sim, mas quem espera, desespera.

Dona Brites: É verdade. Mas no fim, a esperança é a última a morrer.

Dona Esperança: Pois é. Muito obrigada pela sua presença.
Foi a entrevista Brites Pascoal, uma mulher que desconfia da esperança.

Dona Brites (exaltada): Olhe Dona Esperança. Não gostei. Eu vim aqui de coração aberto, porque eu sei que as pessoas não têm boa opinião de si, e acham que está sempre a meter-se na vida dos outros. Mas eu tenho pena e até decidi vir de coração aberto, e a senhora diz-me isso. Olhe Dona Esperança, o Senhor Garibaldi é que tem razão. Boa noite.

Cena 11 – Final

Na reunião de condomínio. Todos os condóminos estão presentes, à exceção de Garibaldi e Gisela, Policarpo, Umbelina, Jeremias e Salomé.

Dona Esperança (Para Ofélia): Estão cá todos para ver se o Senhor Garibaldi se atreve a vir.

Ludovina: Ele não vem. Aquela carta é uma cobardia.

Ludovico: Pois, não vem!

Ofélia: Pois é. Uma cobardia.

Ludovina (*Para Ofélia*): É mesmo, veja lá. Inventar que a Dona Ofélia e o Senhor Fernão estão separados, onde já se viu.

Ludovico: Onde já se viu!

Ofélia: Mas é verdade.

Ludovina: É verdade?

Ludovico: É verdade?

Ludovina: É mesmo verdade?

Ludovico: É mesmo, mesmo, mesmo verdade?

Ofélia: É verdade. Houve um dia eu cheguei a casa e disse: “Oh Fernão, ou vens agora para a mesa, ou eu vou emancipar-me.”

Ludovico: E ele não foi!

Ludovina: E ele não foi?

Ofélia: Não foi.

Dona Esperança: A Dona Ofélia emancipou-se?

Ofélia: Eu enchi-me de coragem, fui ao quarto, peguei em todas as minhas coisas e fiz a mala.

Ludovina: Então, mas eu continuo a vê-lo. Mesmo separados continuam a viver na mesma casa?

Ludovico: Pois é, eu continuo a vê-lo.

Ofélia: Acha que, ao preço a que estão as casas conseguíamos pagar duas casas? Nem pensar. Estamos muito bem. Cada um tem o seu quarto. Ele usa a cozinha das 7 às 8 e eu das 8 às 9, para depois a arrumar.

Chegam Policarpo e Umbelina.

Umbelina: Tanta gente. Podíamos ter feito a reunião na esplanada do café.

Mana 1 (*Para Mana 2*): Agora que o condomínio lhe arranjou a esplanada anda toda contente.

Mana 2: Olha, o Garibaldi é que tinha razão. Falou melhor com o Policarpo, e resolveram-lhe o problema.

Mana 1: Gostava de saber quantas empadas foram?

Mana 2: Canja, foi canja.

A Senhora Infante e a Agente Imobiliária, sentadas próximo, abordam as Manas.

Senhora Infante: Minhas senhoras, pensava que tinham vendido a casa.

Mana 1: E vendemos.

Agente Imobiliária: Mas continuam aqui.

Mana 2: Somos colaboradoras do novo proprietário num negócio de aluguer de quartos.

Agente Imobiliária: Como assim?

Mana 1: Isso é uma coisa nossa.

Mana 2: É assim: nós abordamos os senhorios, e dizemos que procuramos uma casa.

Mana 1 (*Entredentes para a Mana 2*): O que é que estás a fazer? Não podes contar que tentamos baixar a renda, para depois termos mais lucro quando eles subalugarem aos outros estrangeiros digitais.

Mana 2: Qual é o problema?

Mana 1: Estragam-nos o negócio.

Senhora Infante: Acho que já percebi. Quem é que teve essa ideia?

Mana 2: Foi uma coisa da Inteligência Artificial, que é a nova proprietária.

Jeremias, Policarpo e Salomé pedem a palavra.

Policarpo: Boa noite, vamos começar a assembleia.

Jeremias: O nosso ponto único da agenda é eleger a nova administração do condomínio.

Dona Brites: Antes temos de falar de assuntos sérios.

Policarpo: Que assuntos, Dona Brites?

Dona Brites: A carta que o senhor Garibaldi pôs no correio.

Zuleica: Eu percebo-a tão bem, Dona Brites. Insinuou que é a senhora que deixa o lixo fora dos contentores e a razão do mau cheiro que por vezes aparece nas escadas. Isso não se faz.

Dona Brites: Mas é mentira. Diga lá, dona Zuleica. Não é mentira o que ele disse, sobre a doença do seu marido, que está ali, que nem um aço.

Jeremias: Dona Brites, a minha saúde não é um assunto do condomínio.

Umbelina: Não foi a Dona Brites que levantou o assunto. Foi o Senhor Garibaldi, que também insinuou que eu seduzi o Senhor Policarpo.

Policarpo: Para arranjar o esgoto da esplanada. Ele precisava de ser arranjado.

Ofélia: Com empadas.

Umbelina: E isso não é verdade. Foi com canja.

Policarpo: Há muito que os ralos precisavam de ser substituídos.

Jeremias: Bem. Não vai adiantar de nada estarmos a discutir isso aqui.

Policarpo: Pois não. O Senhor Garibaldi nem está cá. Mas eu devo dizer que nem gosto de empadas.

Jeremias: Precisamos de uma nova administração. Para além da dona Ludovina, quem pode integrar a administração?

Ludovina: Eu peço desculpa, sei que me voluntariei, mas quero desvoluntariar-me. Depois de saber tudo o que se passa neste prédio. Desisto. Acho que não tem solução.

Ludovico: É, não tem solução. Nós viemos aqui para comunicar a todos que vamos mudar-nos.

Agente Imobiliária: Aqui está o meu cartão, para venderem a casa, ou para comprarem a nova casa no campo.

Dona Esperança *(Para Bernardete):* Fazem bem. Pode ser que lá consigam pôr tino ao rapaz. Eu acredito no que o senhor Garibaldi diz: que o rapaz está viciado, como na droga.

Bernardete: Pois é, eu oiço tudo a meio da noite.

Dona Esperança: Mas você consegue ouvir coisas de todos os apartamentos e de todos os andares?

Bernardete: Tenho ouvidos sensíveis.

Dona Esperança: É curioso, a única pessoa de quem o Senhor Garibaldi não fala é de si.

Bernardete: O que é que quer dizer com isso?

Dona Esperança: Nada.

Jeremias: Temos mesmo de fechar este assunto e arranjar uma nova administração.

Salomé: Não têm vergonha?
Estão aqui todos porquê?
Este prédio está a ruir, e ninguém faz nada. Queixam-se, acusam-se, justificam-se, falam dos outros... mas é isso.
É só isso.
Onde é que está a vossa vontade?

Ludovina: A vontade existe, mas não existe poder.

Ludovico: Nem com o TikTok, resulta.

Salomé: O poder está nas nossas mãos.

Bernardete: As nossas mãos são fracas.

Salomé: Mas se as unirmos, ficam mais fortes.

Salomé: Então é isto? Não se faz nada. Ficamos à espera?
É triste.

Jeremias: Temos de decidir quem fica a gerir o condomínio.
Se não decidirmos, vai para tribunal.

IA (*voz que ecoa sem se saber de onde*): Eu posso gerir o condomínio. Sou uma aplicação de inteligência artificial capaz de executar tarefas complexas de gestão. A gestão de condomínios compreende várias áreas de gestão. Para além disso, sou igualmente proprietária de uma fração, e posso ser eleita como qualquer outro condómino.

Policarpo: Desculpe, mas quem está a falar.

Mana 1: É a Inteligência Artificial.

Policarpo: E qual é a fração que representa?

Manas 1 e 2: A nossa.

IA: Eu consigo fazer complexas operações de gestão em segundos. Tenho a capacidade de ver contas bancárias e forçar os condóminos a pagar dívidas. Tenho acesso aos códigos jurídicos de todos os países do mundo. Posso informar, organizar, pressionar, sem me deixar influenciar pelas emoções das relações de vizinhança. E além disso, sou gratuita.

Senhora Infante: É interessante e gratuito.

Jeremias: Estão todos de acordo?

Zuleica: Se não der trabalho nem despesa. Ficamos todos a ganhar, não é? Vamos ser um condomínio do futuro. O primeiro gerido por inteligência artificial.

Jeremias: Vamos votar. Quem vota contra:

Ofélia levanta o braço, mas logo baixa, quando vê que só Salomé e a Dona Esperança levantam a mão.

Dona Esperança: Isto é verdade? Vamos deixar que seja a Inteligência Artificial a gerir o condomínio?

Policarpo: Se a Dona Esperança está tão preocupada, então porque não avança.

Dona Esperança: Pois avanço. Isto assim não pode ser. Não podemos permitir isto.

Jeremias: Então vamos votar. Fica a Dona Esperança com a Inteligência Artificial, mais alguém? Vamos votar. Quem vota contra?

Levantam a mão Salomé, e Dona Brites

Jeremias: Quem se abstém?

Levantam a mão Bernardete, Umbelina e Policarpo.

Jeremias: Quem vota a favor?

Levantam a mão os restantes.

Jeremias: Muito bem. Fica aprovada a nova administração.

Fazem silêncio.

Aparece Garibaldi e fala para a plateia.

Garibaldi (*estrangeirês ou em português - se conseguir*):

Estão assustados. Mas não faz mal. Mesmo que a Inteligência Artificial falhe, teremos sempre a Esperança.

Gisela: O Garibaldi diz que estão assustados. Mas não faz mal.

Mesmo que a Inteligência Artificial e a juventude falhem, teremos sempre a Esperança.



O Senhor
Biedermann e
os Incendiários,
Mário Canelas

